

A ESCUTA SOLIDÁRIA E O DESAFIO DA INTIMIDADE NA PANDEMIA

I DENILE THÉ¹

RESUMO

O presente trabalho versa sobre o desafio da experiência de intimidade conosco e com os outros durante a quarentena da pandemia da COVID-19. O qual ficou bastante evidenciado nas escutas pontuais do Projeto Escuta Solidária da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR). Pondera o valor da escuta mesmo que de forma virtual. Assim como aponta as possibilidades de resgate do viver criativo e sobrevivência à situação traumática da pandemia com seus desdobramentos em vários sentidos da existência. Podendo assim, também, retomar ao equilíbrio do tripé dos três Cs: Confiança, Comunicação e Continuidade do desenvolvimento emocional. E seguir de tal forma que a vida valha a pena ser vivida em sua intimidade.

Palavras-chave: Winnicott. Trauma. Pandemia. Escuta. Setting. Espaço transicional. Intimidade. Viver criativo. Tripé dos três Cs.

ABSTRACT

This paper is about the challenge of the experience of intimacy with ourselves and others during the lockdown on Covid-19 pandemic. For this, individual reports in crisis interventions done during the project “Escuta Solidária” of the Psychoanalytic Society of Fortaleza (SPFOR) are considered. I examine the value of being supported, even in a virtual way. I point out the possibilities of both recovering the creative living and surviving the traumatic situation of the pandemics, considering consequences in a variety of existence meanings. In this way, I emphasize the importance of returning to the balance of the tripod of the three Cs: confidence, communication, and continuity of the emotional development. And keep living in a way that life is worth living in its intimacy.

Keywords: Winnicott. Trauma. Pandemics. Psychoanalytic support. Setting. Transitional space. Intimacy. Creative living. Tripod of the three Cs.

¹ Psicóloga. Psicanalista em formação pela Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFOR. Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Fortaleza.

Quando tomei conhecimento do Projeto Escuta Solidária da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR), não pensei duas vezes em aderir. Já havia tido experiência há cerca de um ano no Projeto Escuta na Praça, também em caráter de escuta voluntária, solidária e pontual ao momento específico de quem buscava ser atendido, escutado em sua dor, angústia, aflição. Então, esta experiência me encorajou a participar e tentar desempenhar este trabalho mesmo com as inquietações e desafios que rondavam.

De imediato, com o evento da pandemia em março de 2020, impôs-se o atendimento *on-line* a todos, uma vez que o isolamento social era a ordem. Minha experiência com este recurso tecnológico para realizar meu ofício existia precariamente. Apenas uma paciente, que já estivera em atendimento no consultório, que há cerca de um ano morava fora do Brasil. Imaginar só atender *on-line*, inclusive novos pacientes e mesmo as pessoas das escutas solidárias nunca foi algo por mim pensado. Porém, se fez.

Alguns colegas já realizavam atendimentos *on-line* sem maiores divulgações. Geralmente, em situações ímpares, onde este fosse o único recurso possível e necessário. Contudo, sempre mais reservado, como se fosse algo à margem do que seria um trabalho sério, comprometido com as questões éticas, teóricas e clínicas de nosso ofício.

A partir daquele momento, mais do que nunca, o virtual, não menos real, se impôs! Traumaticamente. Sim, para grande maioria não foi escolha, mas necessidade posta a ser atendida, experienciada, elaborada para que pudéssemos fazer um bom uso junto aos nossos pacientes e aqueles de escutas pontuais.

Outro desafio foi que, assim como as pessoas que buscavam ser escutadas, eu também estava experimentando, ao mesmo tempo, a mesma força adoecedora resultante da pandemia que assolava o mundo em seus desdobramentos com consequências diversas em várias esferas do viver, fossem elas físicas, mentais, sociais, econômicas, ambientais, políticas ou laborais.

Sem aviso prévio, nem tempo real para nos prepararmos, tão pouco nossos

pacientes e suas famílias, fomos lançados ao isolamento social, com o medo de adoecer, de contaminar o outro, da nossa morte e do adoecimento e morte do outro. Ou seja, questões básicas, que mexem com a existência humana: vida e morte. Sabemos que um dia vamos morrer. Mas, é diferente de ficarmos alertas a se um vírus iria adentrar nossa casa pela feira que acabávamos de fazer e poderia nos adoecer ou alguém que amamos e talvez até morreremos.

Incertezas e imprevisibilidade de todas as ordens. Falta de confiança em nossa capacidade de dar conta de tantas mudanças ao mesmo tempo, tanto na nossa vida pessoal como profissional. O receio do que viria, como viria. Uma explosão de sentimentos, sensações, afetos, medos, ansiedades primitivas, angústias impensáveis, falta de perspectiva do e no futuro. Tudo junto e misturado.

A confiança em nós mesmos, no outro e no mundo foram abaladas. Poderíamos ser ameaça ao outro, até mesmo sem saber e vice versa. Afinal aprendemos que o outro seria sempre nosso amparo e refúgio mediante a vida, principalmente, durante suas tempestades.

A comunicação com aqueles que amávamos, as trocas afetivas, foram severamente afetadas. Nem um abraço, nem um beijo, nem um toque poderia ser seguro. A nossa forma de nos comunicarmos foi significativamente modificada. Máscaras, distanciamento físico, medidas de higiene reforçadas, isolamento social passaram a fazer parte de nossa rotina.

A continuidade da vida, a esperança de que ela era e valia a pena ser vivida de forma criativa, onde poderíamos deixar nossa digital psíquica (Thé, 2015), foi posta em xeque e assolada pelo medo que paralisa e enclausura na desesperança. No nosso país, as incertezas e incongruências no enfrentamento da pandemia do governo federal, mais apavoraram do que acalmaram, nos tendo sido exigido também, adaptações até neste âmbito.

Outro dia, escutei alguém colocar, algo assim: que o nosso mundo mental estava na UTI. Escutei e achei impactante. Levei alguns segundos para que fizesse sentido em mim, mas fez. Nem só de corpo real com saúde, vive-se! Mas também de

como estamos conosco e com o mundo que temos a pertença. Ou seja, como nos comunicamos e nos relacionamos.

Um fato é certo, o ambiente tem severamente falhado no cuidado, proteção, comunicação, confiança e na esperança da continuidade da vida, isto nas várias esferas do que possamos entender como ambiente.

Literalmente, estávamos dando nó em pingo d'água e fazendo de um limão uma limonada, como se costuma dizer nos ditados populares. Estávamos reinventando, recriando, refazendo, nos (re)alimentando psiquicamente como nos era minimamente possível.

Entretanto, algo me movia diante daquele caos, além da experiência conquistada ao longo dos anos e com o Projeto Escuta na Praça: a esperança de poder ajudar de alguma forma com o meu trabalho, contribuir um pouco com a escuta de tantas dores.

Além disso, algo me ancorava: a confiança que iríamos conseguir nos comunicar e seguir, mesmo distante fisicamente e sem o setting por mim conhecido. Pois, minha capacidade de escuta do sofrimento humano continuava em mim, sendo assim, poderia fazer uso dela mesmo fora do setting do consultório. Não haveria paredes, móveis conhecidos, portas, janela, mas sim uma tela de computador ou celular ou mesmo uma ligação telefônica. O espaço virtual era o que tínhamos por excelência, mediado pela tecnologia, de alguma forma ainda a ser conhecida e utilizada por mim e por muitos que escutávamos. Ressaltam-se aqui as oscilações das conexões que reverberavam durante a escuta, a falta do domínio das plataformas existentes, entre outras dificuldades.

Winnicott, psicanalista inglês que muito contribuiu com a psicanálise, nos respaldou neste trânsito do consultório presencial conhecido para um consultório virtual, *on-line*. O *setting* está para além de uma estrutura física; ele é algo interno e sustentado pelo analista. Ele não pode ser rígido, mas firme e flexível, de acordo com o que nos assegura a teoria do desenvolvimento onde o analista se adapta às necessidades e demandas de seus pacientes, como uma mãe suficientemente boa

que se adapta ao seu bebê. Não nos surpreende que o *setting* é visto como a metáfora dos cuidados maternos. Porém, não é só se adaptar as necessidades do paciente, mas sobreviver integradamente, as demandas dos mesmos, dar sustentação às regressões e deixar-se usar pelo seu paciente. Continuar acreditando e sonhando com esperança junto àquele.

A transferência, pilar básico do trabalho analítico, que para Winnicott se inaugura com a possibilidade de criação na dupla analista/paciente, é vivida, experimentada, analisada e interpretada na área sobreposta entre ambos – área sobreposta que é o terreno do espaço transicional, nem do analista nem do paciente, mas da criação, do brincar.

Winnicott (1975, p. 15) definiu espaço transicional ou espaço potencial ou ainda terceira área como:

área intermediária de experimentação, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa. Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo, empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas ainda que inter-relacionadas.

Desta forma, podemos entender, como bem assinalou Denise Souza em sua *live* “Psicanálise em tempos de pandemia” (22.05.2020), pelo Espaço Transicional Winnicott:

o que se confirma agora, de forma colorida e vivaz é que a transferência acontece sempre, porque a transferência, ela é virtual. A transferência acontece em outro espaço. Que a presença e corpo do analista não faz diferença... Porque quem vai dotar de significado nossa presença, que é virtual na transferência, é o que o paciente transfere, o que o paciente desloca das suas imagens e das suas representações psíquicas para nós enquanto analistas. [...]. A transferência se dá sempre num espaço virtual, porque é no inconsciente. [...]. O atendimento *on-line*, trabalha com o espaço potencial, com o espaço transicional, cria portas para uma conexão muito criativa entre analista e paciente. E se nós temos essa possibilidade, a nossa criatividade cria um espaço de ilusão.

A quarentena, o isolamento social imposto pela pandemia, se fez com peso, força e ação traumática. Uma vez que fomos pegos de surpresa, numa intensidade e profundidade avassaladora. Trauma tem essas características. Inunda-nos, arrebatando o modo como temos vivido e está além de nossa capacidade de dar conta da experiência que se coloca. Uma situação traumática irrompe a continuidade do ser, trazendo à tona as defesas mais arcaicas, onde o medo do colapso nos enredava nos inícios de nossas vidas. Isso, por si só, tende a nos convocar a repensar como estamos vivendo e como desejamos viver.

A pandemia chegou como um tsunami que de repente e violentamente chegou, tirou tudo do lugar e se esgueira, deixando um imenso rastro de destruição e a marcação da morte, do tempo, da finitude da vida e do quão pequenos somos diante da magnitude da vida, do viver.

Diante do caos, do elemento surpresa agressivo e destruidor, de tamanha intensidade psíquica, como seguir? Onde ficava o valor, a importância do viver e do viver criativo nas nossas vidas, não só naquele momento do isolamento social e para além do caos pandêmico? Como estávamos vivendo e experimentando nossa intimidade? Como estávamos vivendo em intimidade com aqueles que nos cercavam e que nos afetavam afetivamente?

Não basta estar vivo! Winnicott já dizia. E o que ele dizia com esta afirmação? Ao nascermos, vamos nos constituindo enquanto um ser humano. Pouco a pouco, o sentimento de existência, de que somos alguém, vai se fazendo nas idas e vindas dos cuidados de um adulto para conosco. Como em uma dança. Passo a passo acertando o compasso, a velocidade, os movimentos, a respiração, a harmonia, os descompassos, criando e recriando mediante a música e o encontro que se faz.

Caminho delicado e refinado vai sendo construído nestes encontros e desencontros. Contudo, a confiança que estamos nos entendendo, comunicando (no início sem intenção) e que a vida segue, tem sua continuidade e nos dá esperanças de dias e momentos que virão bem melhores. Winnicott é um autor que traz muito o gerúndio: sendo, acontecendo, fazendo, vivendo, experimentando. E isto nos mostra a riqueza de um viver sempre em construção. Como no jogo do rabisco por ele criado. Temos nosso impulso a vida, a integração, a continuidade. Mas,

sozinhos não conseguimos. A dependência é condição da natureza humana. Portanto, o outro, o ambiente a que pertencemos ou não, também entra em cena com o nosso impulso. Surgindo assim a criação, a criatividade posta em ação, o viver criativo que faça sentido a quem vive.

Em outras palavras: O espaço transicional ou potencial ou ainda terceira área, é este da criação, do brincar. Winnicott deixa muito claro, que é apenas no brincar que o indivíduo (criança, adolescente, adulto) pode não só existir, mas também e, principalmente, viver criativamente. Acreditar e viver de tal forma que a vida valha a pena ser vivida!

O brincar tem a ver com este espaço onde os objetos subjetivamente concebidos pela apercepção, vão dando lugar aos objetos objetivamente percebidos. E as construções surgidas com liberdade, passam a ser a realidade compartilhada, onde o indivíduo já pode fazer uso delas. Isto é, construir e fazer uso de tal forma sem que percamos a nossa espontaneidade que assinala nosso *self*. Winnicott deixa claro que: "...é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)". (1975, p. 80)

Para chegarmos a isso, como já disse, muito já foi percorrido, mas não me deterei aqui, pois não é o foco desse trabalho. Entretanto, apenas para assinalar, as sementes de um viver criativo são germinadas na comunicação mais íntima da mutualidade mãe/bebê. Onde a ilusão de criar o seio e ele ter sido apresentado, vai aos poucos dando espaço a percepção/desilusão desta ideia. E as noções de si mesmo, do outro, de dentro, fora, de realidade interna, externa vão se delineando.

Winnicott coloca o amadurecimento em termos de capacidades a serem conquistadas, desenvolvidas. E a capacidade de amar também entra como uma conquista, que também interfere no viver criativo. Contudo, essa capacidade é lapidada por um outro que nos amou e nos cuidou. A gratidão também surge e saber ser grato aos outros e à vida também faz parte do viver criativo.

O humor, a capacidade de brincar e sorrir faz grande diferença quanto ao viver criativo. Contudo, para conseguirmos lançar mão do humor, seja na vida cotidiana,

seja na análise, é preciso que tenhamos um ego mais integrado, mais fortalecido, pois, a vida é movimento. A vida é conexão. A vida é encontro, mesmo quando temos desencontros.

Como estavam, emocionalmente, as pessoas que buscaram o Projeto Escuta Solidária?

Na sua grande maioria, estavam em grande sofrimento, o qual se traduzia por angústia, medo, ansiedade, desamparo, solidão, desesperança, luto, depressão, tristeza. Alguns desses surgiram durante o isolamento imposto por motivos de saúde pública. Outros só se intensificaram durante o confinamento.

O que de comum havia entre o surgimento de um sintoma ou a intensificação dele durante a quarentena?

A incapacidade ou dificuldade de experimentar a intimidade imposta. Seja consigo, seja com os membros da família.

O íntimo de nós mesmos, passou a ser cada vez exigido como possibilidade de recurso interno, a fim de que pudéssemos sobreviver a este período. Assim, buscando um viver criativo apesar de tudo o que se viveu. Entretanto, nem sempre (re) encontrar a nós mesmo foi algo prazeroso e agradável.

Ao mesmo tempo, além de terem vivido um (re) encontro consigo, muitos precisaram conviver em intimidade com seus familiares, o que também nem sempre foi fácil. Para muitos, a intimidade era evitada e tornou-se insuportável a convivência diária no compartilhamento dela.

As queixas eram tantas... A começar, por vezes, pelo fato de não possuírem um lugar de intimidade, de sigilo para falar e serem escutados. Às vezes falavam baixo, escreviam, se escondiam ou cancelavam a escuta porque não havia como serem atendidos pelo projeto.

A intimidade de si mesmo era resguardada de todas as formas. O gesto espontâneo

de cada um era tolhido em detrimento de proteger-se.

O isolamento forçou pais a estarem por mais tempo com seus filhos e assim perceberem como estavam exercendo a parentalidade e, ao mesmo tempo os filhos puderam conhecer um pouco mais de seus pais; e ambos, pais e filhos puderam estreitar mais os vínculos, construí-los ou rompê-los. Naturalmente, encontros e desencontros se fizeram. Alguns momentos, foram gerados por esta experiência de intimidade de certa forma forçada, traumática, pois não nos preparamos para viver momentos tão intensos, constantes e contínuos de pura intimidade. O que gerou desorganizações e descontinuidades no viver criativo das pessoas. Toda a sorte de experiências foi vivida, tenham sido elas: de intrusão, violências físicas, psíquicas, sexuais, morais, rupturas, solidão, adoecimento ou agravamento físico, de desamparo, abandono, de ideações suicidas.

A pandemia e seus desdobramentos reverberou intensamente em vários sentidos de nossas vidas, trazendo à baila o melhor de muitos através de atitudes e gestos solidários, desta forma tendo ampliado e ou criado uma rede de afetos, de intimidades; mas também tendo arrastado consigo o pior de cada um quanto a não tolerância da intimidade de si mesmo e da compartilhada com o outro.

Não podemos esquecer que a experiência de intimidade nos remete a mutualidade. A qual é comunicação mais fina, íntima e preciosa vivida entre a mãe e seu bebê, mediante a preocupação materna primária, que data de um tempo, que antecede a linguagem verbal. Naquele período o olhar, toque, cheiros, sons, gostos tinham relevância em nossa vida. Assim apercebíamos o mundo e íamos conhecendo-o pelo apoio de ego materno devoto que nos chagava em doses graduais.

Como o humano pode se haver, diante de algo traumático em vários desdobramentos, imposto pelo isolamento social?

Algumas pessoas se depararam em não ser uma boa companhia a si mesmas. Não havia intimidade consigo. Como se ver na situação de ter que olhar para si mesmo sem disfarces e só ter a si para contar? E, nem sempre gostar do que encontravam? Alguns moravam sozinhos e mesmo tendo família não podiam visitar.

A capacidade de estar só, ideia desenvolvida por Winnicott (1983), foi posta à prova nesta quarentena. Por vezes, diziam durante a escuta que não aguentavam mais tanta solidão, era-lhes insuportável não poder ver as pessoas, abraçar, visitar, que estavam cansados.

Para esta capacidade ser experimentada, é necessário que um longo e delicado caminho de amadurecimento do indivíduo seja percorrido. Afinal, conseguirmos desfrutar de nossa própria companhia é conquista. Que começa, paradoxalmente, na presença do outro.

Precisamos desenvolver a capacidade de estarmos conosco, com nossa solidão, que aqui não tem caráter adoecido, mas sim de podermos fazer uso de nosso mundo mental abastecido e rico de bons objetos. Isto tanto em relação a nós mesmos, como quanto aos outros. Quanto mais indivíduos totais possamos ser em interação com os outros também mais integrados, maior a possibilidade de vivermos nossa capacidade de estarmos sozinhos.

Como falou Maria Luiza Lana Mattos Salomão, na *webinar* “Conversando Sobre Intimidade”, promovida pela SBPSP em 25 de setembro de 2020:

A solidão ela é uma possibilidade, uma capacidade de que a gente pode desenvolver, e nos dar suporte para poder ser quem a gente é. E entrar em contatos com as nossas estranhezas, entrar em contato com aquilo que a gente nega, que não gosta, que na verdade, começa na gente. Se não aceito isto em mim, não posso aceitar isso no outro. Então, para poder estar com o outro, eu preciso aprender a lidar com aquilo que não gosto em mim. Não há casamento com o outro, se não houver um casamento com a gente mesmo.

Isto é delicado e curioso porque para que a intimidade exista é necessário que reconheça a existência de mim mesmo e do outro. A alteridade necessita ser reconhecida. As diferenças, precisam ser toleradas, respeitadas e não eliminadas. Somos semelhantes. Porém, jamais iguais! As diferenças entre nós são um colorido que faz parte da vida.

A intimidade se faz do e no encontro de no mínimo dois indivíduos totais ou mais integrados. Precisamos minimamente, confiar no outro para comunicarmos algo de nós mesmos e que o mesmo ocorra a esse outro. Afinal, onde não predomina a capacidade de simbolização que é também esteio para a alteridade, o que temos é a tendência a atuações: violentas, maníacas, desprezíveis, embutidas de preconceitos de todas as ordens.

Assim os não ditos entre as famílias, que só vinham criando raízes tuberosas, sufocando assim a espontaneidade do viver, pelo confinamento, pela intimidade forçada tenderam a rasgar o silêncio e desorganizar o que, muitas vezes, já possuía um frágil equilíbrio.

Apesar de escutas pontuais, as pessoas deixavam pistas, nas entrelinhas de suas falas, que algumas dificuldades pareciam existir quanto a intimidade consigo e com os outros. O medo da morte, de estar doente, de não suportar a solidão, os diversos lutos vividos, os conflitos com seus fantasmas, dores, frustrações, raivas e com os que o cercavam, a tristeza, a depressão para muitos só se acentuaram neste período.

Não havia registro interno de nada parecido vivido pela humanidade. Mesmo com os registros das pestes que a humanidade já sobreviveu, esta teve suas peculiaridades. Como lançar mão de algum registro do que não foi inscrito? Como viver criativamente diante de um solavanco abrupto, intenso, inesperado em nossa intimidade conosco e na intimidade compartilhada? Todos nós colocamos diante do desafio da intimidade na pandemia.

Para o viver desse desafio, só buscando entrar em contato com todos os bons objetos subjetivamente concebidos (processo de apercepção/ilusão) ao longo da vida, assim, ao criá-los e recriá-los a partir do encontro com objetos objetivamente percebido. Assim, ao criá-los e recriá-los a partir do encontro com os objetos objetivamente percebidos (processo de percepção/desilusão), vai se desenvolvendo nossa capacidade de simbolização. Isso se dar no espaço potencial, brincando, criando, acreditando que a vida poderia ser recriada e valer a pena ser vivida. Afinal de contas, somente na terceira área que criamos, recriamos, onde o brincar,

a religião, a cultura, o viver criativo, a transferência se faz e é vivida.

Para viver o desafio da intimidade em tempos pandêmicos, mais ainda, só acessando nossa *despensa afetiva*² a qual ao longo da vida vamos abastecendo e reabastecendo na interdependência com o ambiente. Aliás, a despensa afetiva que cada um possui, se origina desde os inícios da vida. E, pouco a pouco se constitui, através das apercepções e percepções que vamos experienciando. Ela não se esgota em si mesma, mas sim intercambia com o mundo, introjetando e projetando os objetos sejam bons e ou maus. A qualidade, quantidade, valor, intensidade e significado desses objetos que compõe a despensa afetiva de cada indivíduo, é que farão total diferença no enfrentamento das situações de rupturas da linha do desenvolvimento.

Utilizando dos recursos da despensa afetiva, podemos responder aos massacres intrusivos do ambiente e o pavor do aniquilamento, e não apenas reagir de forma submissa, adaptada, maníaca, destrutiva em nosso viver. Desta forma, podendo expandir nosso potencial de saúde, nosso verdadeiro self e irmos deixando nossa digital psíquica (Thé, 2015) de forma criativa ao longo de nossa existência. Assim, fazemos nossa vida de modo único, singular, autêntico, de modo que ela valha a pena ser vivida. Quando imprimo minha digital psíquica, meu verdadeiro *self* no que sinto, penso e faço, estou dando um colorido próprio a pessoa que sou, existo e me faço no mundo. Cada indivíduo possui uma digital psíquica intransferível com a qual cunhamos o nosso ser no mundo.

Quando nos deparamos com tempos tão difíceis, onde a sobrevivência, a garra, determinação, autenticidade, singularidade, confiança, espontaneidade, modificações quanto as formas de nos comunicarmos, a incerteza sobre o amanhã em todos os sentidos nos rondam; somos solicitados a confiar, comunicar e continuar a viver criativamente; e para tanto não há uma fórmula, para que se viva criativamente. Cada indivíduo, de acordo com sua despensa afetiva (como,

2 Expressão criada pela autora e usada nas discussões do Grupo de Estudos Espaço Transicional Winnicott – Fortaleza, que se refere aos registros de tudo o que foi vivido, nos objetos subjetivamente concebidos, ao longo do viver.

quando e quanto foi recebido e armazenado), com as experiências do dia a dia é que vai encontrando seus caminhos de viver criativamente, cada um ao seu jeito único, singular e autêntico.

Não basta estar vivo!

Para alguns que escutamos, o poder da escuta parecia mágico!

Nem sempre falava, por vezes, mais escutava a narrativa da dor, do sofrer. Por mais que percebesse que muito além existia naquelas palavras, em respeito ao indivíduo não podia me aprofundar no que era entendido. A proposta era de escuta pontual, no momento da crise vivida, nessa modalidade não podemos nos aprofundar não podemos interpretar, não podemos levantar o passado. O objetivo é de acolher o sofrimento expresso naquele dado momento. Portanto, tendo como referência a teoria winnicottiana, o *holding* que trata da sustentação da demanda apresentada foi muito utilizado.

É um trabalho que exige muito do analista/terapeuta. Porque temos que nos ater ao que e como é trazida a demanda. Até porque dificilmente reencontraremos aqueles que escutamos para darmos seguimento ao que foi suscitado naquele momento. E sempre fomos treinados em nossa escuta para escutarmos o que nos é dito para além das palavras em si e nos aprofundarmos neste conhecimento.

Como citado anteriormente, para alguns a escuta pontual parecia mágica. Afinal, nada como um ser humano para escutar outro ser humano, ainda mais se este outro humano, em parte estiver vivendo as mesmas contingências do momento, como no caso da pandemia que é empático ao humano.

Como dizia Rubem Alves (1999):

O que as pessoas mais desejam é alguém que as escute de maneira calma e tranquila. Em silêncio. Sem dar conselhos. Sem que digam: 'Se eu fosse você...' A gente ama não é a pessoa que fala bonito. É a pessoa que escuta bonito. A fala só é bonita quando ela nasce de uma longa e silenciosa escuta. É na escuta que o amor começa. E é na não escuta que ele termina.

De acordo com o pensamento de Freud, podemos dizer que por amor adoecemos e por ele nos curamos.

O encontro humano é ímpar! Único, singular.

A experiência de intimidade, de amor, de desamor para consigo e com os outros, nesta quarentena, isolamento social imposto diante da pandemia, não foi nada fácil para muitas pessoas. Mesmo os dispositivos eletrônicos tendo podido reduzir tal impacto, e assim, afetivamente, não estarmos isolados.

A confiança em si mesmo e no ambiente, de que a vida vale a pena ser vivida apesar do caos pandêmico; a comunicação truncada, ineficiente, difícil, amarga, indigesta, impossível abalou muitos indivíduos e a continuidade ficou ameaçada pela pandemia em si, a esperança no dia seguinte feito e refeito por cada um e por todos assolaram o viver criativo.

Winnicott repousou sua construção teórica-clínica sobre um tripé dos três Cs: a confiança, a comunicação e a continuidade (Thé, 2020). E este tripé estremeceu diante do caos pandêmico, assim como tende a estremecer diante de algo de força, impacto e intensidade traumática.

Tripé este que sustenta, ancora e sobre ele repousa o desenvolvimento emocional humano, mas também que o transcende como fim, objetivo do amadurecimento humano, visto no potencial de saúde e atualizado no viver criativo. Mais um dos muitos paradoxos winnicottianos.

O mesmo sustenta o desenvolvimento de forma dinâmica, podendo cada base (ou força) oscilar para mais ou menos e para uma base ou outra; são forças que se compensam dependendo do momento de vida do indivíduo, o que tem estreita ligação com o viver criativo que cada um consegue fazer uso na linha da continuidade do ser.

A confiança e a comunicação estão interligadas na continuidade do ser. Quando a primeira se enfraquece, a comunicação, a busca de contato vem no enalço e

a retoma, repara, e ambas se encontram de novo e de novo. O mesmo se passa quando a comunicação se interrompe, silencia. E a confiança sustenta, atenta, essa situação. As três bases sustentam e permeiam todo o desenrolar da teoria do desenvolvimento emocional. A confiança é como uma semente, a comunicação como o germinar e crescer e a continuidade como os frutos. Não existe um sem o outro quando pensamos no desenvolvimento emocional. Elas se entrelaçam, mas não perdem suas características e funções.

A pandemia e o desafio de viver a intimidade nossa de cada dia conosco e com os outros, pois em xeque os três Cs. Como confiar em nossa capacidade de sobreviver ao caos? Como confiar nos outros já que estes poderiam ser agentes de doença, de dor, de sofrimento, seja físico como psíquico, moral, sexual e sem maiores possibilidades de fuga diante do confinamento? Como confiar na minha intimidade comigo mesmo? E na compartilhada com outro?

Como me comunicar com o que tenho de mais sagrado que sou eu mesmo, se por vezes não encontro nada positivo em mim? Como comunicar meu sofrimento a outros se muitos não se importam ou até são intrusivos a mim? Como comunicar o que sinto, penso e faço sem impor minha existência ao outro, nem tampouco deixar que o outro me esmague, subjugue, oprima a mim mesma diante de uma situação de confinamento imposto?

Como continuar e seguir o impulso da vida, se o que antes vivia envolto em mistérios e não-ditos como a morte, agora se acha escancarada e à espreita por mais que tenhamos os cuidados necessários ao COVID-19? Como continuar acreditando e seguindo com esperança diante de tantas dores mentais, familiares, sociais, ambientais, políticas por nós vividas e por toda uma humanidade que tende e reverbera sobre nós?

O nosso trabalho do Projeto Escuta Solidária pôde chegar a muitos indivíduos que procuraram o serviço, inclusive pessoas fora de Fortaleza. Pôde atender diversas

demandas e num sopro de esperança, reacender a possibilidade de equilíbrio e funcionamento deste tripé. O qual se encaixa no viver criativo que por sua vez, perpassa pelos desafios de experimentar nossa intimidade de cada dia, conosco e com os outros. Tendo podido, assim, ser uma brisa benfazeja a tantos que só necessitavam ser escutados em seu sofrer, proporcionando um pouco mais de saúde mental. E esta escuta só pôde ser possível, devido ao *setting* ampliado, ao espaço pelo atravessamento da transferência que, presencial ou *on-line* é sempre virtual (Souza, 2020) é ela quem permite a experiência viva, significativa, mutante, reparadora em movimento do tripé: confiança, comunicação e continuidade.

REFERÊNCIAS

- Alves, Rubem. (1999). *O amor que acende a lua*. Campinas, São Paulo. Editora Papirus.
- Salomão, M.L.L.M. *Conversando sobre intimidade*. Webinar promovida pela SBPSP, em 25 set. 2020.
- Souza, D. *Psicanálise em tempos de pandemia*. Live promovida pelo Espaço Transicional Winnicott, Fortaleza, em 22 maio de 2020.
- Thé, Denile. (2020). Ideia dos três Cs. Live: O que Winnicott diria do atendimento online de crianças? Live promovida pelo Espaço Transicional Winnicott, Fortaleza, em 12 de junho de 2020.
- Thé, Denile (2015). Envelhecer quebrando paradigmas: o viver criativo. Apresentação em mesa redonda no X Encontro Brasileiro Sobre o Pensamento de D. W. Winnicott. São Paulo, 2015
- Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- Winnicott, D. W. (1988). *O Ambiente e os Processos de Maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas (trabalho original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (2000). *Da Pediatria à Psicanálise – Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.